Senna pendula (Humb. & Bonpl. ex Willd.) H. S. Irwin & Barneby

(canudo de pito, fedegoso)

Família: Fabaceae

Sinônimos: *Cassia pendula*

Endêmica: não[1]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta de Terra Firme, Floresta de Várzea), Caatinga, Cerrado (Cerradão, Floresta Ciliar), Mata Atlântica (Campo Rupestre, Floresta Ciliar, Floresta Estacional Decidual , Floresta Ombrófila, Restinga)[1]

Recomendação de uso: Restauração

O canudo de pito é encontrado na forma de arbusto ou árvore, chegando a 4 metros de altura. Suas flores são amarelas, bonitas e vistosas e seus frutos são conhecidos como vagens.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: -

Características gerais

Porte: altura 2.0-4.0m[2,4]

Cor da floração: amarela[2]

Velocidade de desenvolvimento: -

Persistência foliar: -

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: -

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: Seco deiscente (Legume)[2,4]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: -

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira[9]

Polinizadores: -

Período de floração: abril[3]

Tipo de dispersão: Autocórica, Zoocórica[7,6,8]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: maio[3]

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: -

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Tratamento químico[5]

Ácido por 10 minutos.

Produção de mudas: -

Tempo de germinação: 3 dias[5]

Taxa de germinação: 85 a 100%[5]

Número de sementes por peso: -

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[6]

Espécie não tolerante à sombra.

Bibliografia

[1] SOUZA, V. C.; BORTOLUZZI, R. L. C. Senna. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2013.

[2] ALVES, F. de M.; SARTORI, A. L. B. Caesalpinoideae (Leguminosae) de um remanescente de Chaco em Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul, Brasil. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, p. 531-550, 2009.

[3] MORIM, M. P.; BARROSO, G. M. Leguminosae arbustivas e arbóreas da floresta atlântica do Parque Nacional do Itatiaia, sudeste do Brasil: subfamílais Caesalpinioideae e Mimosoideae. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, p. 423-468, 2007.

[4] BORTOLUZZI, R. L. da C.; MIOTTO, S. T. S.; REIS, A. Novos registros de Chamaerista Moench e Senna Mill. (Leguminosae-Caesalpinioideae-Cassieae) na flora sul-brasileira. Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre, v. 62, n. 1-2, p. 121-130, jan./dez. 2007.

[5] ALZUGARAY, C.; CARNEVALE, N. J. SALINAS, A. R.; MORENO, L.; BOGGIO, J. P. Calidad de semillas de árboles y arbustos autóctonos de La Cuña Boscosa Santafesina. Análisis de Semillas, Rosario, v. 1, n. 1, 2007.

[6] BORGO, M.; TIEPOLO, G.; REGINATO, M.; KUNIYOSHI, Y. S.; GALVÃO, F.; CAPRETZ, R. L.; ZWIENER, V. P. Espécies arbóreas de um trecho de floresta atlântica do município de Antonina, Paraná, Brasil. Floresta, Curitiba, v. 41, n. 4, p. 819-832, out./dez. 2011.

[7] SILVA, C. R. da; BARBOSA, J. M.; CARRASCO, P. G.; CASTANHEIRA, S. dos A.; PEREIRA, M. A.; SILVA JÚNIOR, N. A. dos. Chuva de sementes em uma Floresta Alta de Restinga em ilha Comprida (SP). Cerne, lavras, v. 15, n. 3, p. 355-365, jul./set. 2009.

[8] SILVA, E. D.; TOZZI, A. M. G. A. Leguminosae na floresta ombrófila densa do Núcleo Picinguaba, Parque Estadual da Serra do Mar, São Paulo, Brasil. Biota Neotropica, Campinas, v. 11, n. 4, p. 299-325, 2011.

[9] MANGUEIRA, J. R. S. A. A regeneração natural como indicadora de conservação, de sustentabilidade e como base do manejo adaptativo de fragmentos florestais remanescentes inseridos em diferentes matrizes agrícolas. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba. 2012.